

## **DEVOÇÃO E IDENTIDADE: O culto de Nossa Senhora dos Remédios na Irmandade do Rosário de São João del-Rei – séculos XVIII e XIX**

Daniela dos Santos Souza\*

O presente artigo tem por objetivo apresentar os resultados de nossa pesquisa de mestrado<sup>1</sup> que analisa a devoção Nossa Senhora dos Remédios, estruturada na Irmandade do Rosário em São João del-Rei, Minas Gerais, desde o século XVIII, e a sua popularidade na primeira metade do XIX. O estudo traz à tona a discussão sobre as estratégias de formação de identidades coletivas de grupos diversos, que interagem num mesmo espaço de sociabilidade. Nessa reflexão, a devoção é compreendida enquanto um processo de construção de coesão grupal, que tem como catalisadores dois aspectos simbólicos atrelados à imagem da santa: o da saúde e o da liberdade. Dentre os aspectos analisados, destacam-se o contexto em que a irmandade estava inserida; o perfil dos membros participantes, a organização dos grupos no interior da confraria, bem como suas estratégias de preservação hierárquicas; algumas devoções estruturadas na instituição e seus aspectos simbólicos. Na pesquisa utilizamos os métodos quantitativos e qualitativos, assim como o cruzamento onomástico, todos propostos pela micro-história.

### **Identidades coletivas e irmandades**

As identidades coletivas encontraram solo fértil no Brasil colonial. A sociedade formada aqui, na época da escravidão, estava estruturada em moldes corporativistas que refletiam diferenças sociais, de cor, de etnia (MATTOS, 2000). As irmandades eram um exemplo disso. Muitas foram organizadas como corporações profissionais, outras integravam a elite da colônia, mas o principal critério de identificação dessas associações foi a cor da pele em combinação com a origem étnica (SALLES, 1963;

---

\* Mestre em História pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

<sup>1</sup> Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São João del-Rei sob o título “DEVOÇÃO E IDENTIDADE: O culto de Nossa Senhora dos Remédios na Irmandade do Rosário de São João del-Rei – séculos XVIII e XIX”, concluída em agosto de 2010. A pesquisa teve o apoio financeiro da CAPES.

SCARANO, 1976; BOSCHI, 1986). Assim, havia irmandades de brancos (portugueses e brasileiros), de pretos (crioulos e africanos) e de pardos. De maneira geral, esse era o panorama organizacional das confrarias, porém no seu interior a composição se apresentava de forma muito mais complexa. Para termos ideia, em Minas Gerais, nas irmandades do Rosário, a composição dos associados era bem diversa, pois faziam parte da mesma confraria, brancos, pretos e pardos. Os critérios de identificação adotados pelos grupos para se organizarem no interior das confrarias eram os mesmos utilizados para inaugurar as instituições. Lançavam mão de diferentes mecanismos para demarcar suas fronteiras. Estabeleciam e vivenciavam processos de negociação e legitimação com a finalidade de preservar hierarquias, poder, representatividade e identidades. Dentre as estratégias que fizeram parte desse processo estavam as eleições, que elegiam membros para ocupar cargos administrativos de grande importância na instituição; as festas anuais em que os irmãos saíam em cortejo nas ruas da localidade; a organização de congregações de caráter étnico e a instituição de reinados<sup>2</sup> (OLIVEIRA e BRÜGGER, 2009; SOARES, 2000), oportunidades em que determinados grupos poderiam reapropriar de parâmetros de poder vigentes na sociedade colonial para recriarem linhagens religiosas com base num passado africano; as redes clientelares, isto é, as relações simbólicas de parentesco firmadas entre potentados e pretos; e a escolha da devoção. Essa última se colocaria como um dos elementos possíveis da construção de representações sociais, por se apresentar como um dos principais mecanismos de distinção de grupo em meio aos demais<sup>3</sup> (OLIVEIRA, 2008:281-282). É sobre ela que iremos tratar nesse artigo.

Em São João del-Rei, contexto objeto de nossa pesquisa, quando surgiram as primeiras irmandades, no século XVIII, as devoções eram escolhidas como protetoras de determinados grupos. Assim, o Santíssimo Sacramento apadrinou os brancos, Nossa Senhora do Rosário os homens pretos, Nossa Senhora das Mercês os pretos crioulos e São Gonçalo Garcia os pardos.<sup>4</sup> A mesma dinâmica de identificação foi percebida no interior de cada confraria. Na irmandade do Rosário, por exemplo, à medida que o

---

<sup>2</sup> Foi o caso, por exemplo, da “Nobre Nação Benguela” no Rosário sanjoanense e da “Congregação dos pretos minas do reino de Maki” na irmandade de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Vale salientar que o culto não encerra em si todo o processo de identificação, mas pensamos que é possível vê-lo como um dos elementos a compor essa identidade.

<sup>4</sup> Seguiam uma tendência vigente na Colônia.

grupo integrante diversificava, novas devoções eram buscadas para ocupar os altares laterais, ou seja, os devotos escolhiam outro orago que lhes propiciasse maior representatividade entre os demais membros. Nossa Senhora dos Remédios foi estruturada na irmandade do Rosário no século XVIII. Para seus devotos a santa diferenciava-se simbolicamente das três devoções já existentes na igreja que estavam mais ligadas à proteção dos homens pretos (Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santo Antônio de Catalagerona).<sup>5</sup> Para entendermos essa dinâmica de identificação foi preciso conhecer o perfil dos associados.

### **O Rosário sanjoanense: composição e origem dos associados**

Diferentemente das confrarias de pretos nas regiões litorâneas, que em seus compromissos<sup>6</sup> apontam os grupos étnicos na base de sua constituição<sup>7</sup>, as irmandades do Rosário em Minas Gerais abriram um leque maior de aceitação. Nessas, eram admitidos tanto escravos quanto livres, nascidos no Brasil ou estrangeiros de várias etnias.

Na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São João del-Rei, o compromisso de 1787 afirma que aceita como irmãos “todas aquelas pessoas que por sua devoção quiserem servir a Nossa Senhora, tanto eclesiásticos, como seculares, homens e mulheres, brancos, pardos, pretos, assim como escravos e libertos”.<sup>8</sup> No século XVIII, a maioria dos fiéis no Rosário era escrava e de origem africana, portanto, se identificavam bastante com as devoções negras, não só pela cor da pele, mas também pela semelhança de suas histórias de vida (BORGES, 2005; OLIVEIRA, 2008). A partir da segunda metade do setecentos e, principalmente, o início do século seguinte, o perfil dos associados tornou-se mais diverso, pois acompanhou a tendência demográfica da região em que verificou-se um aumento do contingente de libertos, especialmente do

---

<sup>5</sup> Essas três devoções carregavam em seu culto um intuito mais consolador da condição do negro, contrário do sentido mais prático de outros santos que representavam, por exemplo, a esperança de liberdade. Nossa Senhora dos Remédios carregava essa simbologia.

<sup>6</sup> Compromisso é o nome dado ao estatuto que regulamenta a irmandade.

<sup>7</sup> Nas regiões litorâneas era mais comum a organização de associações para agregar irmãos de determinadas etnias que eram excluídas das agremiações já existentes.

<sup>8</sup> APNSP-SJDR - Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei – Livro de Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São João del-Rei, 1787.

gênero feminino (BRÜGGER, 2007:cap.1; FARIA, 2004).<sup>9</sup> Foi o que constatamos quando analisamos a documentação da irmandade.<sup>10</sup>

Coletamos dados para a composição do grupo, segundo o sexo, a condição social e a origem, na segunda metade do século XVIII e na primeira do XIX. Ao compararmos os dois períodos, o resultado foi o seguinte:

**TABELA 1**  
**Composição dos irmãos na Irmandade do Rosário de São João del-Rei, segundo o sexo e a condição social – séculos XVIII e XIX**

CONDIÇÃO	1747-1800			1801-1850		
	Homens	Mulheres	TOTAL	Homens	Mulheres	TOTAL
ESCRAVO	425 61,7%	264 38,3%	689 100%	274 48%	297 52%	571 100%
FORRO	66 37,3%	111 62,7%	177 100%	14 43,8%	18 56,2%	32 100%
COARTADO	2 50%	2 50%	4 100%	-	-	-
NÃO MENCIONA	167 45,6%	199 54,4%	366 100%	337 39,6%	513 60,4%	850 100%
TOTAL GERAL	660 53,4%	576 46,6%	1236 100%	625 43%	828 57%	1453 100%

Fonte: AINSR-SJDR – Livros 17, 20 e 23 – Termo dos irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São João del-Rei (1747-1859).

Observamos que, no primeiro período, os homens se associavam mais à irmandade do que as mulheres: 53,4% para membros do sexo masculino e 46,6% para membros do sexo feminino. No momento seguinte, aconteceu o contrário, as mulheres aparecem em maior número, 57%, enquanto os homens, 43%. Na segunda metade do

<sup>9</sup> São João del-Rei, com sua precoce especialização agropastoril, transformou-se, no início do século XIX, num desenvolvido centro de comércio na região, pois fornecia produtos aos arraiais da redondeza e ao mercado litorâneo. O dinamismo econômico trouxe para aquele território a migração e o crescimento populacional. Aquele núcleo mais urbanizado oferecia maiores ofertas de trabalho livre e era ambiente em que as mulheres se sentiam com mais capacidade de sobrevivência, podendo ser chefes de seus próprios domicílios. Sheila Faria e Silvia Brügger apontam a existência de muitas mulheres com essas características em São João del-Rei, que atuavam no comércio e chefiavam seus lares.

<sup>10</sup> AINSR-SJDR (Arquivo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São João del-Rei) Livros de entrada de irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São João del-Rei números 17, 20 e 23.

século XVIII, constatamos a maior presença de escravos. Dos 1.236 membros que se associaram à Confraria, 689 eram escravos, 177 forros, 4 coartados e 366 não mencionaram a condição. Observa-se que, entre os escravos, o percentual de homens é maior, 61,7%. Ainda notamos que, entre os forros, o percentual maior é o das mulheres, 62,7%, contra, apenas 37,3% de homens. Entre 1801 e 1850, verificamos algumas variações: os membros que não mencionam a condição aparecem em maior número. Dos 1.453 membros, associados nesse período, 850 não fizeram referência à condição, 571 eram escravos e apenas 32 se diziam forros. Observamos que, entre os escravos, há um ligeiro equilíbrio entre homens e mulheres, mas, entre os membros que não mencionaram a condição, as mulheres predominaram, 60,4%, enquanto o percentual de homens ficou em 39,6%. As forras continuaram com o percentual maior nesse momento, 56,2%, e os forros somaram apenas 43,8%. Em resumo, os resultados na tabela 1 demonstram o seguinte: entre 1747-1800, os membros da irmandade foram predominantemente masculinos e escravos e, entre 1801-1850, isso mudou. A superioridade feminina é regra e a maior parte dessas mulheres era “livre”.<sup>11</sup>

Também fizemos o levantamento da procedência dos irmãos, conforme as informações dos livros de entrada. Mais uma vez utilizamos os dados referentes à segunda metade do século XVIII, para percebermos as variações em relação à primeira metade do XIX.

---

<sup>11</sup> Aqui chamamos de “livre”, porque mais de 80% dos assentos dessas irmãs aparecem registrados com nome e sobrenome. Estamos considerando, nesse grupo, também as libertas.

**TABELA 2**  
**Origem dos irmãos na Irmandade do Rosário de São João del-Rei, nos séculos XVIII e XIX**

ORIGEM*	1747-1800		1801-1850	
	Nº	%	Nº	%
<b>África Ocidental</b>				
Mina	64	12,1	26	8,6
Cobu	3	0,6	-	-
Cabo Verde	2	0,4	-	-
Nagô	13	2,5	5	1,7
Dagomé	1	0,2	-	-
<b>SUBTOTAL</b>	<b>83</b>	<b>15,8</b>	<b>31</b>	<b>10,3</b>
<b>África Centro-Occidental</b>				
Angola	96	18,1	38	12,7
Benguela	97	18,3	48	15,9
Congo	20	3,8	36	12
Rebolo	17	3,2	17	5,6
Cabundá	7	1,3	7	2,3
Ganguela	6	1,1	22	7,3
Mocumbe	3	0,6	5	1,7
Monjolo	5	0,9	5	1,7
Cassange	7	1,3	1	0,3
Camundongo	3	0,6	1	0,3
Songo	6	1,1	6	2
Mofumbe	-	-	4	1,3
Banguela	-	-	1	0,3
Cambunda	6	1,1	1	0,3
Muhembe	1	0,2	-	-
<b>SUBTOTAL</b>	<b>274</b>	<b>51,6</b>	<b>192</b>	<b>63,7</b>
<b>África Oriental</b>				
Mozambique	1	0,2	9	3
<b>Nascidos –Colônia/Império</b>				
Crioulo	167	31,6	63	21
<b>Não Identificadas</b>	<b>4</b>	<b>0,8</b>	<b>6</b>	<b>2</b>
<b>TOTAIS</b>	<b>529</b>	<b>100</b>	<b>301</b>	<b>100</b>

Fonte: AINSR-SJDR – Livros 17, 20 e 23 – Termo dos irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São João del-Rei (1747-1859).

\*As origens descritas nessa tabela foram baseadas no levantamento sobre as origens dos africanos, desembarcados no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX feita por Mary Karasch, ver apêndice A. (KARASCH, 2000: pp. 481-494)

Entre os associados que mencionaram a origem nos livros de assentos, o grupo com maior número de membros é, sem dúvida, o dos crioulos, se comparado a cada procedência em particular. Verifica-se isso no primeiro período e no segundo, tendência que se manteve. Tal fato é explicado pelo aumento de crioulos, a partir da segunda metade do século XVIII, que se refletiu nas irmandades (MATTOS, 1998; BORGES, 2005:124-127; FARIA, 2004). Mas, comparando os dois grandes grupos africanos e

crioulos, é notória a superioridade dos primeiros. Entre os africanos, os grupos de maior predominância foram os da África Centro-Occidental. Entre eles, três procedências se destacaram: os benguela, os angola e os congo. Também percebemos outro grupo bastante significativo na instituição, dessa vez procedente da África Occidental, o mina. Entre os africanos, essas foram as quatro procedências mais expressivas. De 1747 a 1800, verificamos os benguela (18,3%) como grupo predominante, depois os angola (18,1%) e, em terceiro, os mina (12,1%). A maioria benguela entre os africanos, nesse período, está diretamente relacionada ao ritmo do tráfico atlântico (FLORENTINO, 1995; KARASCH, 2000). A superioridade dos grupos benguela e angola refletem o comércio nos portos de Benguela e Luanda que ficavam na região da África Centro-Occidental (FLORENTINO, 1995:99). Os mina, apesar de numericamente inferiores em Minas Gerais, nesse período, têm percentual expressivo na irmandade. A entrada desses africanos na região mineira era mais antiga, por isso é bem provável que estivessem entre os fundadores da confraria, organizada em 1708 (OLIVEIRA e BRÜGGER, 2009:193).<sup>12</sup> Isso pode explicar a expressividade do grupo na instituição. Os números para a primeira metade do século XIX demonstram uma variação: em primeiro lugar, ficaram novamente os benguela (15,9%), depois os angola (12,7%) e, em terceiro, os congo (12,%). Os mina aparecem em quarto lugar (8,6%). O que chamou a atenção, na primeira metade do século XIX, foi o avanço da participação dos congos na irmandade, superando o grupo mina, o que corrobora o predomínio dos africanos procedentes da África Centro-Occidental. Porém, é preciso destacar que os mina, ainda que em números cada vez menos significativos, continuavam bastante presentes dentro da confraria.

Como se vê, houve mudanças no perfil dos confrades de um período para outro e, dessa maneira, a busca de identificação dos fiéis, utilizando-se também dos símbolos devocionais mudou e teve novos significados.

### **Devoções: identidades em negociação**

Mesmo existindo diferença entre os grupos na confraria, eles conseguiram estabelecer um grau de convivência no interior da mesma igreja e isso só foi possível porque os grupos buscaram demarcar suas identidades, isto é, hierarquizar espaços e definir poderes que permitissem o entendimento.

---

<sup>12</sup> Anderson de Oliveira e Silvia Brügger já apontaram essa hipótese.

Como já mencionamos, a organização formal das irmandades se dava a partir de um estatuto conhecido como Compromisso. Entre as regulamentações estavam a definição dos cargos e das funções dos membros, as regras sobre as festas anuais e as funções religiosas (BOSCH, 1986). Dessa forma, os grupos se organizavam através da ocupação dos cargos administrativos como os de juízes, escrivão, tesoureiro, procuradores, oficiais de mesa e irmãos de mesa. Algumas irmandades ainda estabeleciam os importantes postos de rei e rainha. Aqueles que ficavam fora da administração demarcavam espaço de outras maneiras. Alguns instituía congregações de caráter étnico, formada por escravos e forros procedentes de uma determinada região africana, conforme já dissemos, e outros se organizavam nos juizados de santos, que indicavam uma escolha devocional clara dos irmãos, portanto, o reflexo de como se identificavam na confraria.

No processo de construção de novas relações, desenvolvido no espaço de integração de indivíduos ou grupos, a escolha dos traços diacríticos que os agentes realizam não é aleatória. Está condicionada à forma como um indivíduo ou um grupo se posiciona diante do outro. Segundo Manuela Carneiro da Cunha, na esfera religiosa,

*[...] para poder diferenciar grupos é preciso dispor de símbolos inteligíveis a todos os grupos que compõem o sistema de interação. É óbvio que cada grupo só pode usar alguns destes símbolos para manter sua identidade. Assim, um novo grupo, ao entrar no sistema, deve escolher símbolos ao mesmo tempo inteligíveis e disponíveis, isto é, não-utilizados pelos outros grupos (CUNHA, 1986: 94-95).*

Tendo em vista essa perspectiva, nos livros de entrada de irmãos, ora pesquisados, observamos que alguns assentos registravam a ocupação de juizados em que o irmão declarava o santo de devoção e a quantia que oferecia em homenagem a ele. Muitos pagavam promessa<sup>13</sup>, outros queriam apenas maior destaque na instituição<sup>14</sup>(BORGES, 2005:161). Ocupavam o cargo durante um ano inteiro participando da festa daquele santo e da grande festa do(a) santo(a) padroeiro(a) da irmandade.

---

<sup>13</sup> Os devotos, muitas vezes, recorrem aos santos em momentos de aflição. Segundo a visão de mundo dos fiéis, a promessa é recurso infalível para a obtenção de graças. Para obter êxito, oferta-se ao santo algum tipo de sacrifício ou mesmo esmolas de grande valor.

<sup>14</sup> Os juízes de devoção tinham lugares de destaque nos cortejos. Aos que almejavam uma diferenciação frente aos demais irmãos, encontravam aí grande oportunidade.

Os juizados por devoção se popularizaram ao longo da segunda metade do setecentos, especialmente, no início do oitocentos (AGUIAR, 1993:175-194). Na Irmandade do Rosário de São João del-Rei, verificou-se o aumento entre os cultos já estruturados e houve a instituição de outros novos. Vejamos a tabela abaixo:

**TABELA 3**  
**Juizados de santos ocupados na Irmandade do Rosário de São João del-Rei, nos séculos XVIII e XIX**

JUIZADOS	1747-1800	
	Nº	%
Nossa Senhora dos Remédios	72	56,3
Nossa Senhora do Rosário	19	14,8
São Benedito	17	13,3
Santo Antônio Catalegerona	11	8,6
São Domingos	4	3,1
Santa Catarina	5	3,9
São Vicente Ferrer	-	-
<b>TOTAIS</b>	<b>128</b>	<b>100</b>
	1801-1850	
Nossa Senhora dos Remédios	264	63,5
Nossa Senhora do Rosário	38	9,1
São Benedito	44	10,6
Santo Antônio Catalegerona	15	3,6
São Domingos	27	6,5
Santa Catarina	17	4,1
São Vicente Ferrer	11	2,6
<b>TOTAIS</b>	<b>416</b>	<b>100</b>

Fonte: AINSR-SJDR – Livros 17, 20 e 23 – Termo dos Irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São João del-Rei (1747-1859).

O que de início salta aos olhos é a grande projeção do culto de Nossa Senhora dos Remédios e é importante ressaltar que esse grande impulso se deu, efetivamente, a partir da década de 1790. Qual o motivo de tanta popularidade? Comparando-se os dois períodos, vamos observar que, entre as devoções mais antigas<sup>15</sup> na confraria, o percentual decresce de um período para o outro, exceto o de Nossa Senhora dos Remédios, que apresenta um aumento. O decréscimo no percentual daquelas devoções,

<sup>15</sup> Ao que tudo indica, comparando os Compromissos de 1787 e 1841 da Irmandade do Rosário sanjoanense, os cultos anexos, Nossa Senhora dos Remédios, São Benedito e Santo Antônio de Catalegerona são os mais antigos. Os cultos a São Domingos, Santa Catarina e São Vicente Ferrer parecem ter sido estruturados depois. Não encontramos documentos que precisassem a data da estruturação desses cultos, porém os registros dos livros de entrada, que mencionam a devoção aos três últimos santos, são contemporâneos aos quatro primeiros. Isso evidencia a popularização dos cargos de juiz por devoção no início do século XIX.

talvez possa ser explicado pela popularização dos novos oragos, o que provocou maior distribuição dos devotos, haja vista que, entre as devoções mais novas, observamos um aumento no século XIX em relação ao primeiro momento. Os percentuais também revelam que mais da metade dos juizados, em cada período, foram dedicados à devoção de Nossa Senhora dos Remédios, 56,3% no primeiro momento, e 63,5%, no segundo. Na análise dos documentos pudemos observar ainda que, entre os juizados de Nossa Senhora dos Remédios, estavam pessoas com classificações significativas de diferenciação e prestígio social naquela localidade – 18 Donas, 1 Senhorinha, 2 Capitães e 1 Cadete. No Juizado de Nossa Senhora do Rosário encontramos 2 Donas e, nos outros juizados, não constatamos nenhuma dessas classificações junto aos nomes dos ocupantes.

Marcos Aguiar afirma que a ampliação desses juizados estava ligada à estratégia de aumentar a renda da associação, pois atraía para a igreja outras pessoas, que não estavam necessariamente ligadas àquela instituição confrarial (AGUIAR, 1993:175-194). No entanto, acreditamos que outras questões vão além desse âmbito mais geral, pois elucidam melhor a estruturação das devoções na irmandade, especialmente no período da segunda metade do século XVIII. É a possível resolução de conflitos no interior da confraria com a demarcação de fronteiras grupais.

Mariza Soares, ao estudar o grupo dos maki na Irmandade de Santo Elesbão e Santa Efigênia, no Rio de Janeiro, constata que duas devoções foram estruturadas na agremiação – à das Almas e à de Nossa Senhora dos Remédios – para resolver conflitos gerados por uma disputa de sucessão na congregação dos “pretos minas do reino de maki” (SOARES, 2000: cap.6). Assim como Mariza Soares, Anderson de Oliveira identifica a escolha dos devotos por determinados santos para delimitar fronteiras entre grupos africanos e crioulos no interior das irmandades do Rosário, de Vila Rica e Mariana (OLIVEIRA, 2008:281-308).

A partir dessas perspectivas voltamos nosso olhar para Nossa Senhora dos Remédios. Por que tanta popularidade naquele período? Quem eram seus devotos e que assimilações eles fizeram com a santa? Como esse símbolo pode ter sido utilizado como elemento de diferenciação social? Teria um sentido específico na região? Essas foram algumas das questões que nortearam a análise do culto.

## Nossa Senhora dos Remédios e seus significados

O primeiro aspecto a ser analisado sobre os juizados de Nossa Senhora dos Remédios diz respeito à sua composição. Quem eram seus ocupantes? E os dos outros juizados, há mudanças do século XVIII para o século seguinte? Observemos a tabela abaixo:

**TABELA 4**  
**Juizados de santos ocupados na Irmandade do Rosário de São João del-Rei, segundo condição e sexo, nos séculos XVIII e XIX**

JUIZADOS	1747-1800																	
	ESCRAVO						FORRO						NÃO MENCIONA CONDIÇÃO					
	H	%	M	%	T	%	H	%	M	%	T	%	H	%	M	%	T	%
N. Sra. dos Remédios	3	75	28	56	31	57,4	2	66,7	8	50	10	52,6	10	66,6	21	52,5	31	56,4
N. Sra. do Rosário	-	-	6	12	6	11,1	-	-	2	12,5	2	10,5	1	6,7	10	25	11	20
São Benedito	1	25	4	8	5	9,3	1	33,3	4	25	5	26,4	1	6,7	6	15	7	12,7
Antônio Catalagerona	-	-	8	16	8	14,8	-	-	-	-	-	-	2	13,3	1	2,5	3	5,5
São Domingos	-	-	2	4	2	3,7	-	-	-	-	-	-	1	6,7	1	2,5	2	3,6
Santa Catarina	-	-	2	4	2	3,7	-	-	2	12,5	2	10,5	-	-	1	2,5	1	1,8
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>4</b>	<b>100</b>	<b>50</b>	<b>100</b>	<b>54</b>	<b>100</b>	<b>3</b>	<b>100</b>	<b>16</b>	<b>100</b>	<b>19</b>	<b>100</b>	<b>15</b>	<b>100</b>	<b>40</b>	<b>100</b>	<b>55</b>	<b>100</b>
	1801-1850																	
	ESCRAVO						FORRO						NÃO MENCIONA CONDIÇÃO					
	H	%	M	%	T	%	H	%	M	%	T	%	H	%	M	%	T	%
N. Sra. dos Remédios	13	35,2	77	70,6	90	61,6	3	60	7	87,5	10	76,9	25	49	139	67,5	164	63,8
N. Sra. do Rosário	1	2,7	9	8,4	10	6,8	-	-	-	-	-	-	-	-	28	13,6	28	10,9
São Benedito	6	16,2	10	9,2	16	11	-	-	-	-	-	-	10	19,6	18	8,7	28	10,9
Antônio Catalagerona	9	24,3	1	1	10	6,8	2	40	-	-	2	15,4	3	5,9	-	-	3	1,2
São Domingos	4	10,8	7	6,4	11	7,5	-	-	-	-	-	-	4	7,8	12	5,8	16	6,2
Santa Catarina	-	-	2	1,8	2	1,5	-	-	1	12,5	1	7,7	8	15,7	6	2,9	14	5,4
São Vicente Ferrer	4	10,8	3	2,8	7	4,8	-	-	-	-	-	-	1	2	3	1,5	4	1,6
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>37</b>	<b>100</b>	<b>109</b>	<b>100</b>	<b>146</b>	<b>100</b>	<b>5</b>	<b>100</b>	<b>8</b>	<b>100</b>	<b>13</b>	<b>100</b>	<b>51</b>	<b>100</b>	<b>206</b>	<b>100</b>	<b>257</b>	<b>100</b>

Fonte: Livro de entrada de irmãos, números 17, 20 e 23 – Termos dos irmãos da Irmand. do Rosário de São João del-Rei ( 1747-1859)

H: Homem; M: Mulher e T: Total.

Conforme os dados da Tabela 4, podemos constatar que, entre 1747 e 1800, de maneira geral, os juizados tiveram uma participação equilibrada dos escravos e dos membros que não mencionaram a condição. Os forros vêm em terceiro lugar e é

evidente a grande participação das mulheres nos juizados. E isso não aconteceu somente entre os forros. Em quase todos os juizados, também entre escravos e os que não mencionaram a condição, a participação feminina foi bastante significativa. Ao analisarmos as quatro devoções mais antigas da instituição, observamos que Nossa Senhora dos Remédios tinha a maciça preferência entre escravos, forros e membros que não registraram a condição. Em segundo lugar, escravos e forros escolhiam mais os santos negros. Nossa Senhora do Rosário era a segunda opção dos membros que não mencionaram a condição e a terceira dos escravos e forros.

No período seguinte, de 1801 a 1850, os membros que não disseram a condição foram superiores nos juizados, exceto no do santo negro de Catalagerona, que teve a preferência dos escravos. Em todos os juizados as mulheres foram majoritárias, exceção para o de santo Antônio de Catalagerona, que foi o preferido dos irmãos do sexo masculino. Como no momento anterior, Nossa Senhora dos Remédios era a santa favorita tanto de escravos quanto de forros e dos irmãos que não fizeram referência à condição. São Benedito aparece em segundo lugar como escolhido, e a santa padroeira da irmandade, entre os membros que não mencionaram a condição, empata com São Benedito. Entre os escravos, Nossa Senhora do Rosário fica em terceiro, assim como o santo negro de Catalagerona.

No oitocentos, os forros aparecem em menor quantidade, mas isso não significa que não estivessem presentes. Consideramos que poderiam estar “ocultos” entre os devotos que não tiveram a condição mencionada.<sup>16</sup> Nota-se que não foi verificado nenhum membro nos juizados de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito entre 1801 e 1850, como observamos no período anterior. Onde estariam esses irmãos? Ao que parece, essa ausência reforça a hipótese da distinção, isto é, um indício de que os irmãos buscaram mais demarcar uma diferenciação na instituição, quando, por exemplo, silenciavam sobre sua condição ou escolhiam outro orago que lhes propiciasse maior

---

<sup>16</sup> De acordo com a Carta de 1824, os descendentes dos escravos libertos poderiam, se renda tivesse, exercer plenamente todos os direitos reconhecidos aos cidadãos, enquanto os escravos crioulos (nascidos no Brasil) que fossem alforriados não entrariam em pleno gozo desses direitos. Essa discriminação causou enorme polêmica entre a população livre negra que, então, decidiu pelo silenciamento sobre a própria cor. Para garantir a equidade dos cidadãos “de cor” não era mais tolerada a categoria “cor” nos registros. Se o indivíduo alforriado já fosse conhecido naquela localidade, usava-se, também, o silenciamento de designações como liberto ou forro. Naquele momento, a igualdade de direitos entre a população livre estava informada pela distinção concreta e cotidiana entre cidadãos livres e escravos (MATTOS, 2000:30).

representatividade entre os demais membros. Isso pode explicar os dados da tabela, que apontam para um aumento no percentual de irmãos no juizado de Nossa Senhora dos Remédios, entre 1801 e 1850, se comparado ao momento anterior: entre os forros, de 52,6% para 76,9%, e entre os que não mencionaram a condição, de 56,4% para 63,8%. Entre os escravos, embora a quantidade fosse menor em relação aos que não registraram a condição, não deixaram de ser expressivos no oitocentos. Entre esses, também houve um pequeno aumento de percentual no juizado dos Remédios, ao compararmos os dois momentos: de 57,4% no setecentos, para 61,6% no momento seguinte.

Interessante notar que, nos juizados das santas virgens, o número de mulheres é sempre muito alto. A preferência delas por essas devoções pode estar relacionada à questão da figura feminina, associada ao culto mariano. Maria Beatriz de Mello e Souza afirma que o culto mariano foi bastante difundido no mundo colonial, em que Maria representa a proteção materna que consola os habitantes da Colônia em suas dificuldades (Apud: OLIVEIRA, 2008: 316). Porém, quando se trata de mulheres africanas, outras questões devem ser consideradas para melhor elucidar tal afinidade. Estamos falando do processo de construção da memória africana. Anderson de Oliveira afirma que esse processo é baseado “nas recordações do papel das mulheres em diversas sociedades da África negra”. Em muitas tribos, as mulheres exerciam grande influência na transmissão da cultura de seu povo aos filhos, saberes de culinária e certas atividades artesanais. Além disso, em tribos como os esan, muitas mulheres chefiavam domicílios, empenhando-se na construção de sua independência e na de seus filhos. Em outras, como as tribos iorubá, as mulheres exerciam o controle do mercado e atuavam como conselheiras dos maridos, especialmente quando eram líderes, influenciando diretamente no poder (OLIVEIRA, 2008:317-321). A constatação da superioridade feminina na ocupação dos juizados corrobora o que a historiografia tem demonstrado sobre a capacidade de elas disporem de esmolas elevadas para doar, e reforça a ideia de que a irmandade significava também, para elas, a oportunidade de afirmação e distinção social (FARIA, 2004; BRÜGGER, 2007).<sup>17</sup> Não podemos deixar de salientar que os homens, embora em números inferiores nos outros juizados, estavam mais ligados às devoções masculinas.

---

<sup>17</sup> Vale lembrar que naquele período verificamos um grande número de mulheres na vila, muitas delas detentoras de posse e chefes de seu próprio domicílio.

Isso confirma o fato de que as devoções funcionavam como mecanismo de distinção de grupos, quando, por exemplo, os membros se identificavam com os santos pela cor da pele e/ou pelo gênero. Mas outros elementos podem interferir na escolha dos devotos como, por exemplo, os aspectos simbólicos do(a) santo(a) que podiam acionar recriações culturais baseadas nas recordações de tradições africanas e os anseios desses fiéis pela proteção e até pela liberdade.

Nossa Senhora dos Remédios abrigada na igreja do Rosário sanjoanense tem, em destaque, um atributo na mão direita. Ela segura uma âmbula de prata com a inscrição "receipe" que nos dá a ideia de recipiente para manipulação ou armazenamento de remédios. A hagiografia<sup>18</sup> da santa ressalta o poder da Virgem no auxílio aos enfermos e seus milagres. As orações e os sermões proferidos pelos divulgadores do culto ressaltaram a capacidade da santa como poderosa intercessora em proteção de todos contra as epidemias (SANTA MARIA, 1701-1723:227). Essa simbologia da saúde certamente pode ter sido atrativa para os africanos presentes na irmandade, especialmente, os da África Centro-Occidental, que era maioria na instituição, conforme demonstramos no início desse texto.

Estudos recentes sobre a religiosidade na vasta região do Centro-Oeste africano afirmam que boa parte das religiões praticadas por lá era curativa (KARASCH, 2000:354). Nas culturas religiosas desses africanos o objetivo principal era a prevenção do infortúnio e a maximização da boa sorte. A boa saúde era indício de que prevalecia o que desejavam. Nesse sentido, os negros do Rosário, procedentes daquela região, e seus descendentes assimilaram a imagem católica num esforço de maximizar a boa saúde para suas vidas. O atributo da cura e do remédio em realce na imagem de Nossa Senhora dos Remédios, provavelmente, facilitou a assimilação dos fiéis.

A busca devocional era muito importante naquele contexto, pois, em São João del-Rei, no final do século XVIII e início do XIX, a mortalidade entre a população era bastante alta.<sup>19</sup> Era muito recorrente entre os escravos devido as consequências do penoso trabalho que realizam e ao resto da população porque estavam expostos a várias doenças. Por ser uma região economicamente atrativa era comum a circulação de

---

<sup>18</sup> Texto narrativo que conta a história de vida dos santos.

<sup>19</sup> APNSP-SJDR (Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei) – Livro de registro de óbitos da Matriz do Pilar de São João del-Rei – 1782-1822.

transeuntes de todas as partes da colônia e do estrangeiro que podiam trazer consigo doenças diversas e transmiti-las à população. Aparecia com frequência na localidade doenças desconhecidas e epidemias. Constatamos, nos documentos do período, a informação de que a população sanjoanense estava atemorizada com o aumento e a proliferação de doenças contagiosas, especialmente a lepra.<sup>20</sup> Em 1808 foi registrado uma epidemia na região, que causou muitas mortes (CINTRA, 1982:365 e 427). E, como se não bastasse, a vila sofria com a precariedade de atendimento médico e a falta de leitos no hospital. O único da localidade, chamado “Casa de Caridade”, era insuficiente para atender a crescente demanda de enfermos.<sup>21</sup>

Diante de tantas dificuldades, a população procurava soluções alternativas como a ajuda dos curandeiros (FIGUEIREDO, 2008) e a proteção dos santos. Constatamos que a vida cotidiana dos sanjoanenses, na década final do século XVIII e o início do XIX, estava marcada pela preocupação com a saúde. Havia, portanto, um contexto propício para a difusão do culto a Nossa Senhora dos Remédios que, se já era popular entre os negros, ganhou também adesão dos brancos.

A população daquela época acreditava que os tratamentos e os remédios indicados e prescritos só tinham eficácia com a ajuda da fé (FIGUEIREDO, 2006:261-262). Por isso, inúmeras pessoas recorreram à santa dos Remédios que ganhou fama na região tendo ao seu redor os negros, escravos e forros, e muitos brancos. Alguns destes, de grande prestígio na localidade como o capitão José Dias de Oliveira e sua esposa, Dona Matilde Jesuína da Conceição, que ingressaram na irmandade do Rosário de São João del-Rei, no início do oitocentos, como juízes da referida santa, e patrocinaram a filiação de seus escravos na irmandade junto a mesma devoção.<sup>22</sup>

Verificamos que essa prática era recorrente entre muitos senhores e isso nos chamou atenção. Tal atitude poderia explicar o significativo número de escravos em

---

<sup>20</sup> BMBCA (Biblioteca Municipal Batista Caetano de Almeida de São João del-Rei) – Arquivo da Câmara Municipal de São João del-Rei: Livros de leis, alvarás e decretos 92 (LAD 92) pp.375-376.

<sup>21</sup> BMBCA (Biblioteca Municipal Batista Caetano de Almeida de São João del-Rei) – Arquivo da Câmara Municipal de São João del-Rei: Livros de leis, alvarás e decretos 93 (LAD 93) pp.28,29 e 31.

<sup>22</sup> AINSR-SJDR – Livro 18: Receitas e Despesas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São João del-Rei (1803-1830); Livro de entrada de irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São João del-Rei: número 20 (1815-1847), 23 (1848-1859). APNSP-SJDR – Livro de Receitas e Despesas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São João del-Rei (1831-1844) e IPHAN-SJDR (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de São João del-Rei) Testamento e Inventário do Capitão José Dias de Oliveira, 1877 – caixa 96 e 1878 - caixa 180, respectivamente.

torno de Nossa Senhora dos Remédios, o que nos levou a pensar que tais patrocínios poderiam perpassar pela formação de redes clientelares. Nesse sentido, consideramos a hipótese de, essa, ser mais uma estratégia dos negros para demarcar a distinção frente aos demais. Afinal, a hagiografia de Nossa Senhora dos Remédios além de ressaltar o aspecto simbólico da saúde, também carregava a simbologia da liberdade.

Como já discutimos no início desse artigo, houve por parte das irmandades, a partir de meados do século XVIII, uma maior promoção de devoções anexas, já existentes no interior de suas igrejas, e de outras novas. Não sabemos o que, exatamente, impulsionou a estruturação da devoção a Nossa Senhora dos Remédios na Confraria do Rosário, porém nossa hipótese é que a simbologia de liberdade, atribuída a outros santos, pode ter chamado mais atenção dos irmãos naquele momento.

Como mencionamos, os “crioulos”, os “pardos” e os “libertos” procuraram diferenciar-se naquela sociedade. Aos poucos, as devoções negras foram perdendo a preferência desses irmãos, que se buscaram agrupar em torno de outras devoções, que tivessem significados condizentes com as suas condições e as suas pretensões. Era o caso, por exemplo, dos crioulos que escolheram Nossa Senhora das Mercês como padroeira de sua irmandade.

Tal invocação é padroeira da Ordem Real e Militar de Nossa Senhora das Mercês para a Redenção dos Cativos<sup>23</sup>, assim como Nossa Senhora dos Remédios é a padroeira da Ordem Hospitalar da Santíssima Trindade para a Redenção dos Cativos.<sup>24</sup> Segundo as narrativas hagiográficas, os missionários das duas ordens tinham a importante missão de resgatar prisioneiros católicos em poder dos mouros por volta dos séculos XII e XIII na Europa. Além de remir cativos, a Ordem dos trinitários ampliou sua tarefa ao cuidar dos resgatados que se achavam adoentados e feridos. Estruturaram pequenos hospitais anexos às residências dos frades e nos conventos.

Em São João del-Rei, a Irmandade das Mercês parece ter sido inaugurada um pouco antes de 1750, pois, nessa data, a igreja já se encontrava construída (VIEGAS, 1953:201 e GUIMARÃES, 1996:78). Quanto à devoção a Nossa Senhora dos

---

<sup>23</sup> MLM (Museu do Livro de Mariana/MG) – ROSÁRIO, Diogo do. *Flos Sanctorum ou História das Vidas de Christo e sua Santíssima Mãe e dos Santos e suas Festas*. Edição aumentada, v.9, pp. 248-249, Estante 21, prateleira 2, registro 2402.

<sup>24</sup> MLM – ROSÁRIO, Diogo do. *Op. cit.*, v. 2. Lisboa: Tipografia Universal de Thomas Quintino Antunes, 1869, Estante 21, prateleira 2, registro 2395, pp. 129-159.

Remédios, não sabemos a exata época de sua estruturação na Irmandade do Rosário. Os indícios que encontramos somente nos dão certeza de que foi entre 1751 e 1762.<sup>25</sup> Se o culto a Nossa Senhora das Mercês foi estruturado primeiro, a hipótese é que os pretos do Rosário podem ter tomado a iniciativa de estruturar, na igreja deles, um culto com os mesmos significados simbólicos do das Mercês. Pretendiam atender um novo contingente negro que não só buscava diferenciação naquela sociedade como também na instituição e, por isso, escolheram uma devoção que atendesse mais aos seus anseios de liberdade. Devemos lembrar de todo o simbolismo que a devoção a Nossa Senhora dos Remédios representava naquele contexto, pois era padroeira da Ordem que salvava cativos, ou seja, significava a esperança dos escravos para as suas necessidades de liberdade e, também, a proteção para aqueles que conseguissem a manumissão. Nilza Botelho Megale, ao discorrer sobre a difusão da devoção a Nossa Senhora dos Remédios no Brasil Colonial, especialmente nos séculos XVII e XVIII, enfatiza o simbolismo da liberdade (MEGALE, 1998:422-424). Isso faz-nos deduzir que tal simbologia foi bastante atrativa para a estruturação do culto na igreja do Rosário em São João del-Rei. Em comparação com a da santa padroeira escolhida para a irmandade dos crioulos na mesma localidade e, mais ou menos na mesma época, essa dedução se torna mais consistente, isto é, acreditamos que os africanos libertos e os crioulos da irmandade do Rosário sentiram necessidade de se diferenciarem diante dos cativos, ao mesmo tempo que esses últimos buscaram a devoção com esperança do seu intermédio em favor da sua liberdade. No entanto, essa questão nos parece muito mais complexa, se questionarmos qual seria o sentido dessa liberdade. Teria sido o mesmo nos séculos XVIII e XIX? E as diferenciações pretendidas seriam somente em relação aos cativos?

O fato de ser crioulo nas Mercês poderia não ser o mesmo que ser crioulo no Rosário. Como constatamos na documentação das irmandades, alguns crioulos, no Rosário, eram filhos de africanos, também associados à instituição, e outros nascidos na terra, associados às Mercês, eram, ao mesmo tempo, membros no Rosário. Teria um

---

<sup>25</sup> Entre os livros de registro da irmandade que encontramos e cuja leitura foi possível, a data mais antiga de declaração da devoção foi 1762 (AINSR – SJDR – Livro 17 de entrada de irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São João del-Rei). Outro indício nos dá pistas de que o culto pode ter surgido na irmandade após 1750. Em 1751 iniciaram as obras de reconstrução da igreja do Rosário. Por causa da reforma, as imagens de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito foram transladadas para a igreja de Nossa Senhora do Carmo (CINTRA, 1982:77). Conforme a notícia, parece que somente as duas imagens existiam na irmandade naquela época.

peso maior estar na irmandade dos pretos, instituição de maior prestígio entre as demais negras daquela sociedade<sup>26</sup>, do que nas Mercês? Crioulos no Rosário seriam filhos de africanos com maior *status* na instituição? Estariam na instituição dos pretos, porque faziam parte de alguma rede clientelista? Essas questões são de grande importância e serão consideradas em nossas futuras interpretações.

Por agora, diante de todas essas constatações, queremos chamar atenção para a questão do dinamismo e da complexidade da religiosidade nas sociedades brasileiras. Os símbolos devocionais podem ter significados diferentes para os grupos que o identificam, dependendo da região, da temporalidade e dos interesses em jogo. Em São João del-Rei, Nossa Senhora dos Remédios, provavelmente, foi escolhida pelo simbolismo da liberdade na estruturação do seu culto, em meados do século XVIII, pois, naquele momento, a identificação dos fiéis com a santa se orientou mais pelos critérios de diferenciação social. Atendia a um crescente número de crioulos e de libertos na irmandade. Porém, o aspecto figurado de liberdade não ficou restrito àquele momento nem àqueles grupos. O simbolismo da saúde, presente na devoção, parece ter acionado outras possibilidades para a conquista de distinção e de liberdade. Como vimos, a saúde foi um elemento de bastante preocupação na região, uma vez que havia uma constante situação de doenças entre os habitantes, especialmente entre os pobres, agravada no final do século XVIII e início do XIX, com o aumento de moléstias contagiosas e a epidemia de 1808. Portanto, esse motivo reuniu, num mesmo grupo, indivíduos diversos, negros e brancos, escravos e livres. Entre os negros pode ter significado uma possibilidade de recriações culturais, com base nas recordações de alguns valores da África. Porém, os significados podiam ser ainda maiores. Negros e brancos em torno de um mesmo orago pode ter expressado uma relação simbólica de parentesco, especialmente se o branco fosse um indivíduo de bastante prestígio naquela sociedade.

Como descrevemos no início deste tópico, devotos como o Capitão José Dias de Oliveira e sua esposa, Dona Matilde Jesuína da Conceição, brancos e abastados, tornaram-se muito comuns no culto a Nossa Senhora dos Remédios. Quando membros

---

<sup>26</sup> Entre as irmandades negras de São João del-Rei, a do Rosário tinha o direito de precedência sobre as demais por ser a de maior antiguidade. Isso dava maior destaque à instituição, sobretudo nas procissões em que todas as irmandades saíam em cortejo.

da instituição, esses senhores costumavam patrocinar a filiação de seus escravos à irmandade junto à mesma devoção. Por que faziam isso?

A nosso ver, tal atitude poderia remeter-nos à questão de alianças em torno de alguns símbolos – no caso, a santa – que expressariam relações simbólicas de parentesco entre potentado e pretos. Tais patrocínios poderiam perpassar pela formação de redes clientelares (FRAGOSO, 2007:33-120). Tendo Nossa Senhora dos Remédios como devoção comum junto com seu senhor, escravos poderiam distinguir-se, ao mesmo tempo dentro da irmandade e fora dela. Isso os tornaria diferentes dos demais cativos, pois lhes garantiria maior *status* ou hierarquia na irmandade e ainda poderia representar algum tipo de proteção ou concessão. Cabe lembrar que esses senhores simbolizavam não só a categoria de fortunas, mas também a de círculo de poder na vila ou na capitania. Alguns deles, com o título de alferes, capitão ou tenente, tinham legitimidade, dada pela monarquia, portanto, podiam exercer influência maior em determinados assuntos de interesse dos negros. As relações simbólicas de parentesco, firmadas entre potentados e pretos ao redor da santa dos Remédios, poderiam constituir mais uma estratégia dos negros para garantir a diferenciação. Isso explicaria também o significativo número de cativos junto à devoção.

Desse modo, a distinção não seria somente entre forros e crioulos em relação aos pretos, mas sim em torno daqueles que pactuavam a partir da devoção em específico (Nossa Senhora dos Remédios) e o que ela significava em termos dos arranjos que propiciava.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Marcos Magalhães de. Vila Rica dos Confrades: a sociabilidade confrarial entre os negros e mulatos no século XVIII. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1993.

BORGES, Célia Maia. *Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário*: devoção e solidariedade em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o Poder*. São Paulo: Ática, 1986.

BRÜGGER, Silvia Maria Jardim. *Minas Patriarcal*: família e sociedade (São João Del Rei – séculos XVIII e XIX). São Paulo: Annablume, 2007.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João del-Rei*. 2. ed. vols. I e II. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982.

FARIA, Sheila de Castro. *Sinhás Pretas, Damas Mercadoras: as pretas minas nas cidades do Rio de Janeiro e de São João del-Rei (1700-1850)*. Tese para concurso de Professor Titular em História do Brasil. Niterói, UFF, 2004.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. *A arte de Curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. 2. ed.. Brasília: CAPES/Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

\_\_\_\_\_. As doenças dos escravos: um campo de estudo para a história das ciências da saúde. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de; e MARQUES, Rita de Cassia (orgs.). *Uma História Brasileira das Doenças*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

FLORENTINO, Manolo. *Em Costas Negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro – séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

FRAGOSO, João Luís Ribeiro; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de; SAMPAIO, Antônio Carlos Jucá de. *Conquistadores e Negociantes: história de elites no antigo regime nos trópicos, América lusa, séculos XVI a XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GUIMARÃES, Geraldo. *São João del-Rei, Século XVIII: História Sumária*. São João del-Rei: Edição do autor, 1996.

KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MATTOS, Hebe Maria. *Das Cores do Silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista, Brasil século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

\_\_\_\_\_. *Escravidão e Cidadania no Brasil Monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000 (Coleção Descobrimdo o Brasil).

MEGALE, Nilza Botelho. *Invocações da Virgem Maria no Brasil: história – iconografia – folclore*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. *Devoção Negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2008.

\_\_\_\_\_; e BRÜGGUER, Silvia Maria Jardim. Os benguelas de São João del-Rei: tráfico atlântico, religiosidade e identidades étnicas (séculos XVIII e XIX). *Revista Tempo*, v. 13, nº 26, Departamento de História da UFF, Niterói/RJ, 2009.

SALLES, Fritz Teixeira de. *Associações religiosas no ciclo do ouro*. Belo Horizonte: UFMG/Centro de Estudos Mineiros, 1963 (Coleção Estudos 1).

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano, Tomos II e III*. Lisboa: Oficina de Antônio Pedroso, Gabrão, 1707-1723.

SCARANO, Julita. *Devoção e Escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII*. São Paulo: Nacional (Coleção Brasileira), 1976.

SOARES, Mariza. *Devotos da Cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

VIEGAS, Augusto. *Notícias de São João del-Rei*. Belo Horizonte, 1953.